

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE UMA POPULAÇÃO TABAGISTA DO ESTADO DO PIAUÍ

*Antonio Carlos Mendes de Moura (Bolsista de Iniciação Científica Voluntária - ICV- UFPI),
João Janilson da Silva Sousa (Colaborador, ICV-UFPI), John de Oliveira Mágulas
(Colaborador, ICV-UFPI), Fábio José Nascimento Motta (Orientador, Biomedicina - UFPI)*

INTRODUÇÃO:

O objetivo desta pesquisa é definir o perfil epidemiológico da população tabagista de Parnaíba-PI e incrementar metodologias de abordagem ao tabagista.

METODOLOGIA:

O estudo foi realizado utilizando um questionário estruturado de estudo observacional transversal que foi aplicado a 250 pacientes atendidos nas unidades de saúde da Cidade de Parnaíba. O teste de Fagerström foi aplicado nos tabagistas a fim de determinar seu grau de dependência. Todas as respostas foram registradas em planilha eletrônica utilizando o aplicativo Microsoft Office Excel 2010, todos os cálculos realizados foram feitos utilizando esse mesmo aplicativo. Os critérios de inclusão utilizados para a seleção dos indivíduos participantes foram: ser tabagista (consumo diário de cigarros nos últimos seis meses) e residir na cidade de Parnaíba, Piauí. O critério de exclusão foi a detecção de limitação cognitiva que impedisse a participação no estudo. Dos 250 entrevistados, 41 cumpriram o critério de inclusão e nenhum deles foi excluído do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

As idades dos sujeitos pesquisados variaram de 15 à 59 anos, a idade média da população estudada foi de 24 anos, foram entrevistados 135 homens e 115 mulheres. A prevalência de tabagismo na população foi de 16,4%. A prevalência de tabagismo entre os homens pesquisados foi maior do que entre mulheres, 22,22% e 9,57% respectivamente. Dos 41 fumantes pesquisados 58,54% tinham idade entre 15 e 25 anos, 9,76% entre 26 e 36 anos, 7,32% entre 37 e 47 anos e 24,39% entre 48 e 58 anos. Quanto à escolaridade: 17,07% não concluiu o 1º grau, 7,32% o possui completo, 17,07% possui o 2º grau incompleto, 19,51% o possui completo, 29,27% não concluiu o ensino superior e 9,76% o concluiu. Estes dados sugerem que há uma relação com a idade do início do tabagismo, pois, dos fumantes que possuíam até o 1º grau completo, 90% começou a fumar antes dos 16 anos de idade; dos que possuíam o 2º incompleto ou o haviam completado 53,33% começou a fumar com menos de 16 anos de idade, 26,67% entre 17 e 19, e 20% com mais de 20 anos. Dos que possuíam o grau superior de educação 75% começou a fumar após os 17 anos. Estes resultados estão dentro da variação encontrada na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada em 2008 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Analisando a população com referência à idade com a qual iniciou o hábito tabagista: 2,44% iniciou com menos de 10 anos, 7,32% entre 10 e 13 anos, 41,46% entre 14 e 16 anos, 34,15% entre 17 e 19 anos e 14,63% com 20 anos ou mais. Quando ao fator mais decisivo para o início do tabagismo: 85,37% apontou a influência dos amigos. Dos fumantes inquiridos 80,49% afirmou não ter diagnosticada nenhuma

doença associada ao tabaco (DAT), porém todos afirmaram acreditar que o tabagismo é prejudicial a saúde e 97,6% reconheceram pelo menos uma DAT. Estes dados assemelham-se aos encontrados na PNAD realizada em 2008 pelo IBGE. Referente à ação do governo atualmente mediante ao tema “tabagismo”, 63,41% dos fumantes considera insuficiente para barrar o aumento do número de viciados ou diminuí-lo, 24,39% considera suficiente, 4,88% afirmou que o governo não trata dessa problemática e 7,32% afirmou não saber. 51,22% afirmou ter pelo menos mais uma pessoa em casa que é fumante e todos afirmaram ter mais de dois amigos fumantes. 43,90% afirmou já ter tentado parar de fumar pelo menos uma vez, destes, 16,67% tentou duas, e, 44,44% tentou mais de duas vezes. 72,22% dos fumantes teve pelo menos um sintoma de abstinência, sendo ansiedade e nervosismo os mais encontrados sentidos por 46,15% dos fumantes, enquanto que 30,77% apresentou tremor nas mãos e 23,08% apresentou insônia. 77,78% dos fumantes ficou menos de seis meses sem usar o tabaco, 16,67% mais que 6 meses e menos que 1 ano e apenas 5,56% ficou mais de um ano sem utilizar o tabaco. 56,10% dos fumantes não praticam atividades físicas. 70,73% dos fumantes possui um grau de dependência muito baixo, 9,76% baixo, 2,44% possui médio, 7,32% possui elevado e 9,76% possui um grau muito elevado.

CONCLUSÃO:

Os dados apontam para a necessidade de adotar uma política de combate ao tabagismo menos generalista e mais idade-específica, visto que as maiores prevalências encontram-se nos extremos etários da amostra estudada, por tanto formações psicológicas tão diferentes necessitam de abordagens diferentes e mais enérgicas. A maioria dos fumantes parnaibanos iniciou o hábito tabagista entre 14 e 16 anos de idade, ou entre 17 e 19 anos, o que ressalta a necessidade de uma abordagem mais ativa e diferenciada focada na população jovem, pois o fumo vem sendo descrito como a “droga de entrada” o que significa que a maioria dos jovens que usam drogas mais fortes, como maconha, cocaína, crack, dentre outras, teve experiência prévia de tabagismo. Os dados obtidos com a escolaridade sugerem que há relação entre este fator e a idade do início do hábito tabagista (quanto menor o grau de escolaridade mais tenra a idade de início), no entanto, mesmo obtendo resultados parecidos com a PNAD realizada em 2008 pelo IBGE, os dados apenas apontam para a necessidade da realização de um estudo de delineamento transversal direcionado às instituições de ensino instaladas em Parnaíba, para que se tenha um panorama realmente claro, visto que, quando segregado por escolaridade o número amostral revelou-se pequeno para conclusões firmes e indubitáveis relativas à associação escolaridade/início do hábito tabagista na população estudada. A grande maioria dos fumantes apontou que a influência dos amigos foi o fator mais decisivo para o início do hábito tabagista, e este dado foi reforçado com a detecção de que todos os fumantes têm mais de dois amigos que fumam. Une-se a estes dois fatos o dado de que pouco mais da metade dos fumantes afirmou ter em casa mais alguém que também é tabagista e configura-se uma situação em que além da abordagem idade-específica, a formação de opinião sobre o tabagismo e fornecimento de subsídios para ela deve incontestavelmente começar em tenra idade, de modo sorrateiro, que não desperte curiosidade, e, gradativamente, tornar-se enérgica fazendo com que as crianças e adolescentes, a medida que cresçam, tornem-se menos maleáveis à influência de outrem

referente ao tabagismo. Os fumantes mostraram-se informados quanto aos malefícios do cigarro e, embora mais da metade não pratique atividades físicas, o que propicia o aparecimento de doenças relacionadas ao fumo, como esperado, por conta da frequência diminuta de utilização do cigarro, a prevalência de doenças associadas a este hábito foi baixa. Quanto às tentativas de abandono do tabagismo os dados mostram uma inegável necessidade de treinamento de profissionais da saúde para auxiliar esta parcela de tabagistas com a instauração de processo terapêutico que abranja mudanças de comportamento e intervenções psicossociais, se necessário utilizando a Terapia de Reposição de Nicotina. Durante a realização do trabalho, dentre os fumantes, embora não aparentassem ter vergonha do vício, alguns após serem esclarecidos sobre a finalidade do estudo utilizavam como mecanismo de escape à participação a justificativa de fumar pouco ou já estar “tentando parar”, além disso, todos os ex fumantes quando esclarecidos afirmaram sua condição em relação ao cigarro e a utilizaram como justificativa para a não participação no estudo, portanto apesar do aparente conforto naquela abordagem a justificativa utilizada abre espaço para a inferência de que há constrangimento ainda ao tratar desse tema.

REFERÊNCIAS:

BENOWITZ, N. L. Tabagismo e dependência da nicotina. In: Fiore, M.C. **Clinicas médicas da América do Norte**, vol. II. Interlivros, Rio de Janeiro, 1992.

BRASIL, 2009. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**, 2008. IBGE, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.inca.gov.br/inca/Arquivos/publicacoes/tabagismo.pdf>> Acesso em 11/08/11 às 14:24.

CARVALHO, C. M. Fumo e Saúde: doenças diversas tabaco. **Jornal Brasileiro de Medicina**. v. 60, nº 5. São Paulo, 1991.

LARANJEIRA, R. & GIGLIOTTI, A. Tratamento da dependência da Nicotina. **Psiquiatria na prática médica (UNIFESP)**. São Paulo: v.33, n.2, 2000.

PALAVRAS-CHAVE: Epidemiologia. Tabagismo. Abordagens.